

## O CONTEXTO PÓS-MODERNO E A LOGOTERAPIA<sup>1</sup>

Luiza Salussoglia Gomes<sup>2</sup>

Vitor Oliveira de Paula<sup>3</sup>

### Resumo

O presente estudo tem por objetivo descrever e refletir sobre a sociedade Pós-moderna, os problemas existenciais do ser humano inserido neste contexto e a Logoterapia. Como fio condutor desta análise foram utilizadas obras do autor Byung-Chul Han, identificando alguns elementos que caracterizam o contexto Pós-moderno: (1) a coação por desempenho, felicidade, otimismo; (2) a relação consigo mesmo e com o outro; (3) a relação com a dor e a perda do sentido do sofrimento; (4) e a perda das grandes narrativas, da dimensão simbólica e dos rituais. Ao longo do artigo foram destacados alguns problemas existenciais do homem inserido neste contexto, dentre eles: a depressão, o cansaço, o vazio existencial, o tédio e a apatia. A fim de discutir e analisar como o contexto Pós-moderno marca a experiência humana, e o sofrimento que daí resulta, e quais as possibilidades de ação para o ser humano inserido nesse contexto, abordou-se a Logoterapia e a Análise Existencial de Viktor Emil Frankl em seus três pilares – a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida.

**Palavras-chave:** Pós-moderno; Logoterapia; Liberdade da vontade; Vontade de sentido; Sentido da Vida.

### Abstract

The present study aims to describe and reflect about Postmodern society, human being's existential problems inserted inside this context and Logotherapy. As a guideline for this analysis, by the author Byung-Chul Han, and was identified some elements that characterize the Postmodern context: (1) coercion by performance, happiness, optimism; (2) the relationship with oneself and with the other; (3) the relationship with pain and the loss of the meaning of suffering; (4) and the loss of the grand narratives, the symbolic dimension and the rituals.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Pós-Graduação em Logoterapia e Análise Existencial no Núcleo Mineiro de Logoterapia e na FACSET no ano de 2022, sob a orientação das professoras Solange Santos de Freitas e Ms. Francisca Pereira da Cruz Zubicueta.

<sup>2</sup> Psicóloga, graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2021), pós-graduanda em Logoterapia e Análise Existencial Clínica pelo Núcleo Mineiro de Logoterapia e Análise Existencial (em curso).

<sup>3</sup> Psicólogo, graduado pela Universidade Federal de São João del-Rei (2015), pós-graduado em Psicologia Clínica pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (2017).

Throughout the article, some man`s existential problems inserted in this context were highlighted, among them: depression, fatigue, existential emptiness, boredom and apathy. In order to discuss and analyze how the Postmodern context marks the human experience, and the suffering that results from it, and what are the possibilities of action for the human being inserted in this context, Logotherapy and the Existential Analysis of Viktor Emil were approached. Frankl on his three pillars – the freedom of the will, the will to meaning and the meaning of life.

**Key-words:** Post-modern; Logotherapy; Freedom of Will; Will to Meaning; Meaning of Life

## **1 Introdução**

Para compreender os problemas que surgem no contexto clínico, as queixas dos pacientes e a forma como são apresentadas, o psicólogo precisa entender de modo mais profundo o tempo e o contexto atual, pois as interrogações de seus pacientes refletem as interrogações do seu tempo e de sua sociedade, os quais possuem uma forma específica de se apresentar. As questões do homem atual expressam a forma como este mesmo homem se posiciona na vida, a partir das circunstâncias em que se encontra (Giovanetti, 2017).

As últimas décadas do século XX e o início do século XXI apresentam-nos uma série de transformações diferentes dos modos de organização vistos em outros períodos históricos. Uma das áreas onde aparecem essas diferenças é o campo cultural, onde há uma ruptura com a cultura estabelecida até então. A crise de sentido e de valores tem um destaque fundamental neste campo (Giovanetti, 2017). Consequentemente, as dificuldades que as pessoas encontram na atualidade são diferentes das que a humanidade viveu até então.

Nesse artigo, nossa reflexão buscará, num primeiro momento, descrever alguns elementos presentes na atualidade, denominada aqui por Pós-moderna. Como fio condutor para essa discussão sobre o contexto atual foram escolhidas algumas obras do autor Byung-Chul Han. Buscaremos destacar também alguns problemas existenciais do homem inserido neste contexto, como a depressão, o cansaço, o vazio existencial, o tédio e a apatia.

Em seguida, abordaremos a Logoterapia e a Análise Existencial de Viktor Emil Frankl em seus três pilares – a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida, bem como alguns conceitos importantes para a compreensão do ser humano nesta perspectiva.

Por fim, ao perceber o homem inserido no contexto da sociedade Pós-moderna, devemos questionar: como seres humanos, somos capazes de viver essa realidade sem sofrer nenhuma consequência? Ou este modo de existir de nosso tempo pode ser fonte de sofrimento para o ser humano? E quais as possibilidades de ação para o ser humano inserido nesse contexto? Para responder essas questões, confrontaremos o posicionamento do homem contemporâneo, com a visão de homem de Viktor Frankl e a consequente possibilidade de mudança, considerando sua necessidade de encontrar sentido na vida, sua liberdade e responsabilidade. Nossa questão fundamental é como a busca pelo sentido da vida, a liberdade e responsabilidade, na perspectiva de Viktor Frankl, podem orientar a pessoa inserida no contexto Pós-moderno?

## **2 Metodologia**

O presente estudo utiliza o método baseado na revisão integrativa de literatura, a qual, representa um modo de pesquisa que permite a síntese dos resultados obtidos acerca de um tema específico. Além disso, o método de revisão integrativa possibilita ampliar as informações acerca de um determinado assunto ou questão-problema, permitindo “a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo” (Mendes, Silveira & Galvão, p. 759). Ou seja, é capaz de contribuir para maiores discussões acerca dos métodos e resultados de determinadas pesquisas, bem como promover maiores reflexões e possibilidades para a realização de futuros estudos. Portanto, tal escolha metodológica pode ampliar e auxiliar novos estudos na área específica de pesquisa, abrindo para diferentes construções de linhas de pensamento e estudos. De acordo com Mendes, Silveira & Galvão (2008):

Dentre os métodos de revisão, a revisão integrativa é o mais amplo, sendo uma vantagem, pois permite a inclusão simultânea de pesquisa experimental e quase-experimental proporcionando uma compreensão mais completa do tema de interesse. Além disso, pode reduzir alguns obstáculos da utilização do conhecimento científico, tornando os resultados de pesquisas mais acessíveis, uma vez que em um único estudo o leitor tem acesso a diversas pesquisas realizadas, ou seja, o método permite agilidade na divulgação do conhecimento (p. 760).

Como método de análise do estudo, optou-se pela análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (1977 *apud* Campos, 2004) remete a um compilado de técnicas de análise das formas de comunicações (linguísticas), onde utiliza-se de modos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens encontradas nos estudos analisados (Campos, 2004). Ou seja, a análise de conteúdo promove um conjunto de técnicas de análise a partir da consideração

do aspecto semântico dos conteúdos presentes nos materiais, isto é, a partir da pesquisa do sentido do texto em questão, o que permite uma maior sistematização e objetivação na descrição do conteúdo das mensagens para análise (Campos, 2004).

### **3 O Contexto Pós-Moderno**

A fim de descrever e discutir as características da atualidade, muitos termos foram elaborados e discutidos por vários autores nas últimas décadas. Jean-François Lyotard (2009) descreve o período atual como pós-modernidade, e o caracteriza pela incredulidade diante dos discursos universais e atemporais, pela crise da ciência e da verdade, crise de conceitos, busca de novos enquadramentos teóricos e perda do metadiscurso filosófico-metafísico. Partindo de outra perspectiva, Giddens (1991, 2002) entende que, ao invés de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos radicalizando e universalizando as características próprias da modernidade, portanto, denomina o período atual como Modernidade alta ou tardia.

Para descrever a atualidade, outros autores partem de perspectivas diferentes e, para isso, utilizam termos como: Contemporaneidade, Neomodernidade, Pós-modernismo, era do vazio, sociedade pós-industrial, sociedade da informação, sociedade do consumo, sociedade do bem-estar, sociedade do cansaço, entre outros. Neste trabalho, escolhemos utilizar o termo Pós-moderno por considerá-lo apropriado para referir-nos às transformações, crises e rupturas presentes na atualidade.

Como fio condutor para essa discussão sobre o contexto atual foram escolhidas algumas obras do autor Byung-Chul Han, filósofo e ensaísta sul-coreano, professor da Universidade de Berlim e autor de ensaios e críticas à sociedade atual. As obras escolhidas foram: Sociedade do cansaço, Agonia do Eros, O desaparecimento dos rituais e Sociedade paliativa, por considerá-las relevantes diante do tema abordado. Escolheu-se ainda quatro aspectos presentes nestas obras para descrever alguns elementos identificados na sociedade Pós-moderna, são eles: (1) a coação por desempenho, felicidade, otimismo e o cansaço que daí resulta; (2) a relação consigo mesmo e com o outro, quando se exclui a alteridade; (3) a relação com a dor e a perda do sentido do sofrimento; (4) e a perda das grandes narrativas, da dimensão simbólica e dos rituais.

Byung-Chul Han apresenta em sua obra Sociedade do Cansaço, a ideia de que vivemos numa sociedade com um paradigma totalmente diferente do modelo vivido até o século passado. Segundo Han (2017b), o século passado foi marcado por uma sociedade que vivia sob o paradigma imunológico, onde o outro, que é diferente de mim, é visto como estranho, hostil e

negativo. E a ação, diante deste, é definida sob a ótica do ataque e da defesa, assim como a tudo que é estranho, conforme se desenvolve a atuação de um sistema imunológico.

Já em nosso século, vivemos um processo de globalização e hibridização, que não comporta o paradigma imunológico anterior. Vivemos, portanto, uma mudança de paradigma marcada pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza. O que era estranho passa a ser visto apenas como igual, o mesmo, apenas diferente. Agora não há negatividade ou polarização entre inimigo e amigo, próprio e estranho. Essa sociedade tem como traço uma positividade, sem nenhum aspecto de negatividade, não é privativa e excludente, como no modelo anterior, mas saturante e exaustiva (Han, 2017b).

Ao contrário da sociedade disciplinar descrita por Foucault, marcada pela negatividade, coerção, dever, normas, impedimentos e controle, vivemos numa sociedade do desempenho. Nesta sociedade, os sujeitos são “empresários de si mesmos” (Han, 2017b). O lema é “*Yes, we can*”, como o lema de campanha do presidente americano Barak Obama. Entram em cena o projeto, a iniciativa e a motivação pessoal, como normas de ação para o sujeito. Trata-se de um homem flexível, que pode acolher toda e qualquer forma, papel e função, para maximizar a eficiência e o desempenho.

Como consequência, a sociedade disciplinar de Foucault gera loucos e delinquentes, a sociedade do desempenho, descrita por Han (2017b), gera depressivos e fracassados. A partir de considerações de Ehrenberg (2008), Han aponta que a depressão é “expressão patológica do fracasso do homem Pós-moderno em ser ele mesmo” (Han, 2017b, p. 26). É ainda resultado da carência de vínculos, fragmentação e atomização da sociedade, fruto da pressão por desempenho pelo excesso de responsabilidade e iniciativa. Isso leva aos adoecimentos típicos de nosso tempo, de caráter neuronal, como a Síndrome de *Burnout*, síndrome da hiperatividade, déficit de atenção, etc.

Na tentativa de ser senhor de si mesmo, o homem Pós-moderno fica entregue ao excesso de positividade. Sem a necessidade de qualquer coação externa, ele se torna agressor e vítima ao mesmo tempo. A depressão do homem Pós-moderno é não poder mais poder, é uma exaustão. É um paradoxo, “a lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão” (Han, 2017b, p.29).

A ausência de um agente externo que normatiza e controla não leva à liberdade, mas, ao contrário, faz com que o próprio sujeito, um agente interno, seja seu agente de coerção para maximizar o desempenho. Trata-se de uma exploração que caminha junto com um sentimento

de liberdade. Os adoecimentos psíquicos do nosso tempo são manifestações desta liberdade paradoxal.

Segundo Han (2017b, p. 31), “O excesso de positividade se manifesta também em excesso de estímulos, informações e impulsos”, o que leva a destruição da atenção. Para Han (2017b), a necessidade de atenção multitarefa, tão difundida atualmente, é um retrocesso para o homem, pois o obriga a dividir sua atenção em atividades distintas e o impede de ter um aprofundamento contemplativo no que tem diante de si. O homem Pós-moderno tem uma atenção ampla e rasa, que se caracteriza por ser dispersa diante da necessidade da rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. Essa atenção dispersa não tolera a contemplação, que é necessária para o processo criativo que deu origem aos grandes desenvolvimentos culturais da humanidade até então.

O segundo traço descrito neste trabalho como característica do homem Pós-moderno é a forma que este mesmo homem vive os relacionamentos. No contexto Pós-moderno, o amor é sufocado porque vivemos um processo de erosão do Outro. Tal processo desenvolve-se unido ao narcisismo do eu. Diante do excesso de positividade e da exclusão do que é diferente, tudo se torna igual. Elimina-se a alteridade, o que é diferente, o totalmente outro, para transformar tudo em objeto de consumo para ser assimilado pelo Eu. Assim, a sociedade se torna cada vez mais narcisista, e não consegue estabelecer limites claros entre o Eu e o Outro. O mundo e o Outro se tornam projeções do próprio eu. O outro não é mais percebido em sua alteridade, no que possui de diferente.

Para Han (2017a), a depressão aparece como uma enfermidade narcísica, de uma relação consigo mesmo exageradamente sobrecarregada. Assim, Han (2017a) descreve a Agonia do Eros na atualidade. Para ele, o Eros é o que permite ao sujeito sair de si mesmo e direcionar-se ao outro, possibilitando a experiência do outro, em sua alteridade, resgatando o Eu do narcisismo. O Eros possibilita esvaziar-se voluntariamente de si mesmo para dar-se ao outro.

O terceiro traço descrito neste trabalho é a relação que o ser humano estabelece com a dor. Para Han (2021b), a sociedade Pós-moderna vive uma angústia generalizada diante da possibilidade da dor. A tolerância à dor diminui, vive-se um estado de anestesia constante, onde conflitos e controvérsias são evitados, e a coação à conformidade é crescente.

A positividade anula toda forma de negatividade. E como a dor é pura negatividade deve ser excluída a todo custo. O foco é o bem-estar, a felicidade e o otimismo, para garantir o máximo de desempenho. Assim, a sociedade do desempenho, descrita anteriormente, se alinha com a sociedade paliativa. Essa sociedade caracteriza-se pela mania da curtição (*like*), onde “a

vida tem de ser instagramável” (Han, 2021b, p. 14) e tudo é ajustado para provocar bem-estar, agradabilidade e sujeito ao consumo.

A dor é vivida como sem sentido, como pura aflição corporal, portanto deve ser combatida com analgésicos. “A ausência de sentido da dor aponta, antes, para o fato de que a nossa vida, reduzida a um processo biológico, é ela mesma esvaziada de sentido. O ser dotado de sentido da dor pressupõe uma narrativa que insere a vida em um horizonte de sentido” (Han, 2021b, p. 46).

O período Pós-moderno é um tempo pós-narrativo. Não é a narrativa, mas sim a contagem que determina a nossa vida, onde tudo deve ser quantificável. “A narrativa é a capacidade do espírito de superar a contingência do corpo” (Han, 2021b, p.48), é um referencial de sentido, uma instância superior que serve ao propósito de orientar de forma clara e objetiva o ser humano. A sociedade pós-moderna carece desses referenciais que ajudam o ser humano a suportar a dor e reforçam o sentimento de transitoriedade que “desnuda a vida”. A falta de narrativas sobre a vida coage o homem Pós-moderno a conservar a vida desnuda a todo custo, tal como Nietzsche descreveu que, após a morte de Deus, a saúde seria erigida como uma deusa (Han, 2017b). A saúde se torna uma grande e valiosa mercadoria em nosso tempo, pela qual o homem Pós-moderno é capaz de abdicar de qualquer coisa, a fim de preservá-la ou possuí-la.

Todavia, a dor não desaparece, apenas muda sua forma de manifestar-se. Ela escapa dos “anteparos artificiais, penetrando na vida humana em forma de gotejos, até que a preencha inteiramente” (Han, 2021b, p. 55). A dor se faz sentir por todos os caminhos. Não é à toa que na sociedade paliativa, as dores silenciosas se multipliquem por todos os lados. O hiper desempenho, a hiper comunicação e a hiper estimulação, como violências da positividade, levam a dores de sobrecarga.

Citando Viktor von Weizsäcker, Han (2021b, p. 61) afirma que “tudo que é verdadeiro é doloroso”, e explica: as separações doem onde os vínculos são verdadeiros, onde existe pertencimento e amor. Onde é possível doer, ali a pessoa está inserida. Assim, a recusa à possibilidade da dor, no contexto Pós-moderno, não permite gerar vínculos e degenera em indiferença, apatia e anestesia. O indivíduo Pós-moderno deixa de perceber a si mesmo e os outros.

Vivemos em uma sociedade onde o comportamento autoagressivo cresce, assim como a solidão e o isolamento. Para Han (2021b, p. 65), “o crescimento de comportamentos autoagressivos pode ser compreendido como tentativa desesperada do eu narcísico e tornado depressivo de se assegurar de si mesmo, de se perceber. Sinto dor, logo existo”. Se a dor

desaparece, a pessoa procura substitutos - estímulos cada vez mais fortes para dar sentimento de vivacidade. É a persistente falta de sentido da vida que dói (Han, 2021b).

O quarto aspecto da sociedade Pós-moderna descrito neste trabalho, a partir das contribuições de Han (2021a) são os desaparecimentos dos rituais. Rituais são ações simbólicas que conferem sentido, valores, estabilidade, ordenamento, pertencimento e comunidade. Os rituais “transformam o estar-no-mundo em um estar-em-casa” (Han, 2021a, p. 10), estabilizam a vida, transmitem distância de si e transcendência.

O mundo Pós-moderno está desprovido desta dimensão simbólica. A sociedade do desempenho e da produção sacrifica a permanência e a duração, próprias da dinâmica dos rituais, em prol do consumo. Tudo se torna objeto de consumo para a autoestima do Eu narcísico: coisas, emoções, valores. A sociedade aparece atomizada e narcísica. Estados subjetivos são valorizados em detrimento de formas objetivas. Como consequência, a vida aparece efêmera e instável.

Além disso, rituais tem como característica a repetição, que é como ressonância que ecoa através do tempo e estabelece ligação com Deus, com o cosmos, com os valores, com a comunidade e com as coisas. Nessa repetição, “passado e futuro são unidos em um presente vivo” (Han, 2021a, p. 20) e promovem duração e estabilidade. Ao contrário, a busca contínua por novos estímulos e excitações faz perder a capacidade de repetição. Leva a lógica da produção e do consumo, que coage a buscar sempre algo novo, que acabam por ser apenas “variações do igual”. O novo cai logo na rotina, e provoca novamente a necessidade de mais novidades. Paradoxalmente, rejeitar o que é velho e rotineiro produz mais rotina, mais produção e mais consumo.

Rituais também delimitam as passagens essenciais da vida, ajudando a concluir etapas e iniciar outras. Sem os rituais “deslizamos pela vida afora” (Han, 2021a, p. 59) sem encontrar limiares, que marcam e possibilitam as transformações. Na dinâmica dos rituais se fazem presentes sentimentos e emoções de forma objetiva, como um sentimento coletivo, partilhado e impessoal. Já na atomização da sociedade Pós-moderna, ganham espaço os afetos e emoções como estados de um indivíduo isolado em si.

Tais afirmações de Han (2021a), corroboram com a cultura do sentimentalismo descrita por Dalrymple (2011). Na sociedade atual, cujo centro é o indivíduo, a racionalidade cede seu lugar ao sentimentalismo. Passa a ter valor o que é sentido pelo indivíduo, o que experimenta internamente, com intensidade e emoção, envolto numa atmosfera de sentimentalismo, que “é a expressão da emoção sem julgamento” (Dalrymple, 2011, p. 87). Para Dalrymple (2011), o sentimentalismo marca o indivíduo e as relações neste contexto, apresentando-nos a vitória do

romantismo sobre a obrigação moral e o dever, onde as tentativas de estabilização das pessoas e das relações fundadas em qualquer coisa que não seja um sentimento amoroso, afeto ou inclinação pessoal são intrinsecamente opressoras e devem, portanto, ser descartadas.

Este período também é marcado pela exposição pública daquilo que outrora era reservado à esfera privada, que era tratado em foro íntimo. Como se o que acontecesse no privado não acontecesse totalmente, ao menos não em sentido pleno. Além disso, percebe-se a exigência da emoção pública, como o desejo de que todas as emoções sejam igualmente expressáveis em todos os contextos e relações, para que sejam validadas. Isso provoca a mistura das esferas pública e privada e, como consequência, faz perder esta distinção levando a uma vida mais rasa (Dalrymple, 2011).

Diante deste cenário, encontra-se o homem Pós-moderno: exausto, indiferente, anestesiado e desorientado. Sua experiência interior se resume a um grande vazio e tédio.

#### **4 Logoterapia e Análise Existencial**

A Logoterapia trata-se da Terceira Escola de Psicoterapia de Viena, criada por Viktor Emil Frankl (1905-1997), médico neurologista e psiquiatra. Frankl também é sobrevivente de quatro campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Etimologicamente, o termo grego “*logos*” significa sentido. A Logoterapia é, portanto, uma terapia centrada no sentido, que focaliza a busca da pessoa pelo sentido da existência humana.

Para a Logoterapia e a Análise Existencial de Frankl, o ser humano é uma unidade corpórea, psíquica e noética (ou espiritual). Tal visão de homem se sustenta sobre três pilares: (1) Liberdade da vontade, (2) vontade de sentido e (3) sentido da vida.

A liberdade da vontade se opõe ao que Frankl denomina pandeterminismo, que é um determinismo total. Certamente o ser humano é determinado, finito, possui condicionantes e limitações. Frankl entende que “o homem não é livre de suas contingências, mas sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições apresentadas a ele” (Frankl, 2011, p. 26). O homem é livre para encarar, enfrentar e escolher uma posição diante de seu destino, diante do que há de fatídico em sua vida, que não pode mudar, pois já lhe está dado, seja nos aspectos biológico, psicológico e sociológico.

O destino é inerente à existência humana e representa o viés da facticidade humana, ou seja, faz parte da existência da pessoa humana enquanto condição. Entretanto, o destino é aquilo que “agarra” o homem, mas não como algo que o aprisiona, muito pelo contrário, o destino

funciona como aquilo que dá aporte ao homem, o sustenta para “o salto para a liberdade” (Frankl, 2019b, p. 158). Ou seja, o destino, apesar de se configurar como condição humana, é também um caminho, algo que sustenta o homem em sua responsabilidade e também liberdade de realização de valores e busca pelo sentido. Nas palavras de Viktor Frankl (2019b, p. 158):

O destino pertence ao homem como o chão que o agarra a força da gravidade, sem a qual lhe seria impossível caminhar. Temos que comportar-nos em relação ao destino como em relação ao chão que nós pisamos: estando em pé; sabendo, entretanto, que este chão é o trampolim donde nos cumpre saltar para a liberdade.

Para Frankl, esta liberdade só pode ser compreendida sob a ótica da responsabilidade. A responsabilidade da pessoa humana, refere ao homem responsável, ou seja, àquele que responde perante algo ou alguém e, para Frankl (2019b), àquele que responde perante à existência, pois a vida o convoca. Não é tarefa da vida responder ao homem acerca do seu destino, mas sim, tarefa do homem responder diante da vida, frente àquilo que ela o coloca e o convoca.

O ser humano possui duas características fundamentais: a autotranscendência e o autodistanciamento. A autotranscendência é, para Frankl, “a essência da existência humana” (Frankl, 2019b, p. 68) e consiste em “dirigir-se e ordenar-se a algo ou alguém: entregar-se a uma obra a que se dedica, a um homem que ama, ou a Deus, a quem serve” (Frankl, 2019b, p. 68). Abrange dois fenômenos especificamente humanos, o amor e a consciência. “O amor é a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade”, a consciência “encerra a capacidade de apreender o sentido de uma situação em sua total unicidade” (Frankl, 2011, p. 29).

O autodistanciamento é a capacidade humana de distanciar-se de si mesmo e assumir uma posição diante de si, mesmo com os condicionamentos. Frankl destaca esta capacidade humana através de atos de heroísmo e humor testemunhados por ele nos campos de concentração (Frankl, 2011).

Já a vontade de sentido é a força que move a vida humana. Frankl fala de uma vontade de sentido, a fim de contrapor a vontade de prazer, descrita por Freud (princípio do prazer) e a vontade de poder, da psicologia de Adler (Frankl, 2005). Tais teorias motivacionais partem de uma perspectiva homeostática do ser humano, entendendo-o como um sistema fechado, que visa a evitar tensões, restaurar o equilíbrio e satisfazer-se.

Para a Logoterapia, o ser humano precisa de uma tensão que move o ser ao dever-ser, que Frankl denomina como noodinâmica. “O homem precisa de uma certa medida de tensão,

de uma medida saudável e doseada de tensão” (Frankl, 2019b, p. 24) que o mova na “direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (Frankl, 2011, p. 50).

A busca de equilíbrio, satisfação e autorrealização, revela-se autoanulativa, pois acaba por tornar-se um fim em si mesma, contradiz o aspecto autotranscendente da existência humana e se perde (Frankl, 2011). Quando a vontade de sentido é frustrada, gera-se o que Frankl denomina vácuo existencial, que se manifesta como sentimento de tédio e apatia. O vácuo existencial pode aparecer ainda na vontade de dinheiro, inflação sexual, depressão, agressão e adicção (Frankl, 2003, 2005, 2008). Para Frankl (2011), a realização só é possível, como efeito não intencional da autotranscendência.

E o que se quer dizer por sentido da vida a partir da teoria de Frankl? O ser humano é espiritual, noético e ele, por sua vez, está profundamente relacionado com uma situação, com o mundo. É um ser-no-mundo. E sendo no mundo, está orientado a algo que não a si mesmo. “Ser humano significa ser em face de um sentido a ser preenchido e de valores a concretizar” (Frankl, 2011, p.69). Sua conduta é realmente humana quando decide de forma livre, responsável, consciente, dirigindo-se para além de si. No mundo há alguém que chama, convoca, atrai e requer do ser humano essa decisão. Essa resposta representa possibilidades de encontros de sentido.

A consciência é intencional e dirigida ao sentido “que se tenciona” (Frankl, 2011), impele, chama o ser humano. O sentido é único. O que importa “não é o sentido da vida, de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento” (Frankl, 2005).

Em certo aspecto, os sentidos possuem caráter relativo e subjetivo. O sentido é relativo porque envolve sempre uma pessoa específica e em um contexto específico, e por isso é sempre único numa dada situação, tal como o homem é único, ou seja, o sentido, em seu caráter relativo, é situacional (Frankl, 2011). O sentido possui ainda um caráter subjetivo porque necessita da interpretação e de uma decisão que se concretizará na realização desse sentido. Todavia, não se trata de um subjetivismo, pois se fosse seria apenas projeção do ser humano no mundo. Frankl afirma que o sentido é transsubjetivo, pois quando se fala de transcendência essa transsubjetividade é pressuposta (Frankl, 2011). Sobre a transsubjetividade, Frankl afirma: “Os seres humanos estão sempre transcendendo a si mesmos na direção de sentidos que constituem algo diferente deles mesmos, que são bem mais do que meras expressões deles mesmos, mais que meras projeções de si. Sentidos são descobertos; não podem ser inventados” (Frankl, 2011, p. 79).

Existem sentidos que são comuns à experiência humana, que são universais, partilhados por todos os homens em todas as épocas e lugares, por que se cristalizaram nas situações típicas humanas. Esses sentidos são os valores. Ainda que sejam universais, ainda demandam do homem a decisão por realizá-los nas situações que vive (Frankl, 2011).

Assim, o sentido não pode ser criado, inventado, pois está no mundo, e por isso, deve ser descoberto pela pessoa. O sentido é objetivo. Cada resposta que o ser humano dá à vida em determinada situação, representa uma resposta única, que visa a posição mais certa em relação à decisão para caracterizar a descoberta do sentido que lhe é apresentada.

O sentido precisa ainda ser buscado de forma consciente. “Na busca de sentido, o ser humano é guiado por sua consciência” (Frankl, 2011, p. 82). A consciência é a capacidade intuitiva do homem de encontrar o sentido que lhe é perguntado pelas situações concretas.

No período atual, os valores, as tradições, as grandes religiões e narrativas humanas estão em declínio, mas “os sentidos únicos permanecem intactos” (Frankl, 2011, p. 84). Para encontrar e realizar esses sentidos, é preciso que o homem esteja provido de uma consciência afinada para captação de valores.

Para Frankl (2019b), o ser humano pode encontrar sentido no mundo de três formas: (1) naquilo que o homem oferece ao mundo. À esta categoria de valores, Frankl denomina valores de criação e pode aparecer na realização de uma obra, um trabalho, uma criação. O homem ainda pode encontrar sentido (2) naquilo que recebe do mundo. São os valores de experiência, como a vivência do amor, do que é bom, verdadeiro e belo, na natureza e na cultura. E ainda, (3) o homem pode encontrar e realizar valores através de suas atitudes. Precisamente na atitude que adota diante do mundo, da realidade que não pode mudar. Nestes casos, o homem é convidado a mudar a si mesmo. “Nessas circunstâncias mesmas em que nos encontramos, das profundezas da futilidade e do desespero, é possível crescer inteiramente em direção a uma experiência de vida significativa” (Frankl, 2011, p. 99).

## **5 Análise e Discussão**

O que falamos até aqui se refere às mudanças na forma como o mundo existencial do homem se apresenta na atualidade e, além disso, tecemos algumas considerações sobre a Logoterapia e a Análise Existencial de Viktor Frankl, e seus pilares – a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida.

Ao perceber a pessoa inserida no contexto Pós-moderno, devemos questionar: como a Logoterapia pode nos ajudar a compreender e a resgatar o homem inserido nesse contexto?

Descrevemos no início deste artigo a sociedade atual como um contexto saturado de positividade, marcado por coação ao trabalho, eficiência, produção e iniciativa individual. Nesta sociedade, o homem se transforma numa máquina de desempenho, que visa funcionar livre de perturbações, em seu potencial máximo, onde a pessoa coage a si mesma para maximizar seu próprio desempenho, sem coação externa, e acaba por tornar-se “ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor” (Han, 2017b, p. 47). Daí, verificamos um sentimento paradoxal de liberdade juntamente com a autoexploração. As consequências são o cansaço, o esgotamento excessivo, a depressão e o fracasso. “O excesso de elevação de desempenho leva a um infarto da alma” (Han, 2017b, p. 71).

Frankl, em seu livro *Em Busca de Sentido* (2008), e também em seus muitos testemunhos, descreve sua experiência como prisioneiro em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Em sua obra, Frankl faz uma investigação psicológica do ser humano submetido a esta condição. Após o contato inicial com o campo de concentração, descreve o ser humano marcado por um estado de apatia, insensibilidade emocional, desleixo interior, irritabilidade e indiferença, que constitui como um mecanismo de proteção da *psique*. Neste contexto, toda a atenção é dirigida para a sobrevivência, a vida psíquica é rebaixada diante do estresse causado pela fome, doença, violência, escárnio, nudez e morte, e tudo que não serve a este propósito é depreciado. E como consequência, Frankl relata: “todos nos sentíamos mais mortos que vivos” (Frankl, 2008, p.50).

Obviamente, Frankl e Han partem de experiências radicalmente opostas, e até contraditórias. Na sociedade Pós-moderna (ao menos no Ocidente), não há tantas restrições, embargos, coerções, violência e controle, como nos campos de concentração, que são caracterizados por extrema negatividade, coerção, violência, impedimentos e controle. Todavia, a partir das investigações psicológicas, sociais e existenciais do ser humano, feitas por ambos autores, percebemos que pessoas que sofrem com exaustão, depressão e síndromes neuronais, típicas da atualidade, acabam por desenvolver sintomas iguais aos que apresentavam os prisioneiros dos campos de concentração. Fracos, consumidos, apáticos, insensíveis a si mesmos, aos outros e às situações (Han, 2017b).

Frequentemente a experiência vivencial do homem Pós-moderno é descrita como: falta de perspectiva na vida, perda de sentido, fracasso, cansaço, mal-estar, derrota, abismo e vazio interior. Trata-se de uma experiência onde “a vida perde seu encanto, o seu significado” (Giovanetti, 2017, p. 126). Frankl se refere ao sentimento de perda de sentido, tão percebido

atualmente, como vácuo existencial. “Ao contrário do animal, o homem não tem instintos que lhe dizem o que tem de fazer; e ao contrário do que acontecia séculos passados, o homem de hoje já não conta com tradições que lhe dizem o que deve fazer; assim, muitas vezes parece já não saber o que quer” (Frankl, 2003, p. 12). Por conseguinte, o homem fica desorientado e acaba por fazer o que os outros fazem, caindo no conformismo, ou faz o que os outros querem, caindo no totalitarismo (Frankl, 2003, 2008, 2019), fenômenos amplamente observados ao longo dos séculos XX e XXI. Para Frankl “o vazio existencial manifesta-se principalmente num estado de tédio” (Frankl, 2008, p.131), e fenômenos como a depressão, agressão, vício, vontade de poder, de prazer, compensação sexual, algumas neuroses, suicídio, não podem ser compreendidos sem reconhecer o vazio ligado a eles (Frankl, 2003, 2008).

Para descrever o homem contemporâneo, Enrique Rojas (2000) parte de uma epistemologia diferente dos autores acima citados, mas ambos coincidem em alguns aspectos de suas descrições. Rojas (2000) também descreve o homem contemporâneo como um homem esgotado, cansado da vida, “por que tudo se apresenta sem concretude, abstrato, amplo, difuso, borrado, sem referência clara e precisa” (Rojas, 2000, p. 113 – tradução livre).

A vivência do sujeito cansado da vida é a preguiça, a apatia, o abandono, a impressão de fazer tudo sempre com excesso de esforço, e assim tudo cai numa certa negligência; a personalidade é tingida de um sabor indolente, no qual se alienam a preguiça, o desânimo, o pessimismo, a melancolia e o sentimento de impotência em relação à vida. Uma espécie de fardo decepcionante emerge lentamente combinado com a impressão de estar ferido ou quebrado por dentro. No cansaço da vida, o sentimento interior é de decepção (Rojas, 2000, p. 116 – tradução livre).

A vida do homem Pós-moderno imersa no vazio e sem sentido acaba por tornar-se um mero sobreviver, dominada pela preocupação de assegurar a vida a todo custo, pois é tudo que lhe resta. Acaba por se tornar a vida de um escravo, sem nenhuma vivacidade. A imagem do homem depressivo de hoje é como a imagem do holandês voador<sup>4</sup>, o lendário navio-fantasma, condenado a vagar pelos mares até o fim dos tempos sem poder atracar em nenhum porto, “sem rumo, sem descanso, sem paz” (Han, 2017b, p. 53). Este é o “sujeito do desempenho esgotado e depressivo de hoje, cuja liberdade serve como danação de ter de explorar eternamente a si mesmo” (Han, 2017a, p. 53). Ele está, de certo modo, “desgastado consigo mesmo. Totalmente

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma lenda sobre um veleiro utilizado pela Companhia Holandesa das Índias Orientais, no final do século XVII. A lenda diz do capitão de um navio que insiste, a despeito de sua tripulação, em atravessar uma região extremamente perigosa. Após consequências desastrosas, o capitão escapa fazendo um pacto com o diabo. Numa aposta com jogo de dados, o capitão o vence utilizando dados viciados. Desde então, o capitão, sua tripulação e o navio estão amaldiçoados e condenados a vagar pelos mares para sempre, sem bússola e sem rota.

incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a auto erosão e ao esvaziamento” (Han, 2017b, p. 91).

Todavia, Frankl afirma que “permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível [o campo de concentração] para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior” (Frankl, 2008, p. 53). Diante do sofrimento e da exaustão, Frankl fala da experiência de contemplação da imagem do rosto de sua esposa, como possibilidade de arrebatamento. Frankl aponta a volta ao interior como “recurso para escapar do vazio, da desolação e da pobreza espiritual de sua existência atual” (Frankl, 2008, p. 57). Han (2017b, p. 49) corrobora para essa compreensão quando afirma que “só a vida contemplativa é o que torna o homem naquilo que ele deve ser”. Trata-se de fazer a experiência da arte, da natureza e da beleza, como valor para o ser humano. Isto é o que permitiu a Frankl distanciar-se do mundo que o cercava, mesmo envolvido naquele contexto. Frankl aponta também o humor (mesmo no campo de concentração) como meio possível para o ser humano se autodistanciar da situação. A imagem do campo de concentração serve como referencial, de que mesmo em situações muito adversas, continua de pé a liberdade interior do ser humano para encontrar sentido.

Além disso, em Frankl, o trabalho aparece como possibilidade de realização de valores, se cumprido como missão, tarefa a alguém ou a alguma causa, e também como oportunidade de integrar a existência humana e desenvolvê-la.

Para Viktor Frankl (1978), o trabalho representa um espaço onde o caráter único e irrepetível do indivíduo é chamado a manifestar-se. Ao trabalhar a pessoa realiza valores criativos e desenvolve uma missão específica no mundo. O sentido e o valor dele não estão ligados à profissão, mas à forma como o mesmo é realizado. O sentido do trabalho acontece quando, ao realizar as tarefas de trabalho, a pessoa empenha-se além do que lhe é exigido dando um significado pessoal àquilo, deixando a sua marca (p. 61-62).

É preciso trazer à luz o que orienta e sustenta os atos concretos, em cada atividade humana. A perda de sentido mostra a separação entre o ideal, que direciona o ato, e a realização do próprio ato. É preciso resgatar o significado que pode sustentar o ato (Giovanetti, 2017).

O segundo aspecto descrito neste trabalho, a partir das considerações de Han, diz respeito à relação que o eu estabelece com o outro. Na atualidade, o amor entra em crise pelas múltiplas possibilidades de escolha entre diversos parceiros, otimização do desempenho, inclusive nas relações, e a erosão do outro. “O amor é positivado numa fórmula de fruição. Ele precisa gerar sentimentos agradáveis. Ele não é uma ação, narração, nem sequer é mais um drama; antes, não passa de emoção ou excitação inconsequente” (Han, 2017a, p. 29). Na sociedade Pós-moderna a ditadura do desempenho também abarca o amor e o sexo.

A sociedade pós-moderna é cada vez mais narcisista. O mundo e o outro se tornam projeções do próprio eu, e assim não se reconhece o outro em sua alteridade. O amor e o sexo ficam sujeitos a coação por desempenho, e o outro, desprovido da alteridade, se torna objeto de excitação e consumo. Para Han, a depressão aparece como efeito, vinculada ao narcisismo, de uma relação exagerada e sobrecarregada consigo mesmo, que exclui o outro (Han, 2017a). O Eros aparece para o eu como possibilidade “de uma experiência do outro em sua alteridade, que o resgata de seu inferno narcisista” (Han, 2017a, p. 11). O Eros permite ao eu negar a si voluntariamente para dar-se ao outro.

Em Frankl, o amor é parte de um fenômeno humano mais amplo denominado por autotranscendência, que é a capacidade para “expandir para fora de si, seja em direção a um sentido a realizar, seja em direção a um outro ser humano a quem busca para um encontro de amor” (Frankl, 2005, p.76). O amor é a vivência onde “se vive a vida de outro ser humano” (Frankl, 2019b, p.220) em sua unicidade e irrepitibilidade. E além dessa possibilidade de realizar um valor criativo na vivência do amor, ou seja, de amar, Frankl aponta ainda outro caminho, onde o ser humano faz a experiência de ser amado, de modo único e insubstituível para o outro. O ser humano faz, assim, a experiência da gratuidade do amor (Frankl, 2019b). A vivência do amor também permite um alargamento e um enriquecimento interior àquele que ama, lhe permitindo ver e realizar valores.

Compreendendo o ser humano como uma totalidade de corpo, alma e espírito, em Frankl há diferentes atitudes que o ser humano pode assumir na vivência de amar e ser amado. A atitude sexual tem por meta a corporalidade, a atitude erótica se dirige para a dimensão psíquica, já o amor, é “a atitude que relaciona diretamente com a pessoa espiritual do ser amado” (Frankl, 2019b, p. 224), em sua unicidade e irrepitibilidade.

Se na sociedade Pós-moderna, o amor e sexo são desempenho, o outro se torna mercadoria para ser consumida (Han, 2017a), e não é mais alguém único, irrepitível, como na autêntica intenção amorosa. Frankl observa que entre seus pacientes que se queixam de questões sexuais há, muitas vezes, excesso de intenção e de reflexão sobre o desejo sexual, e também a vigência de um princípio do desempenho que acabam por deformar a sexualidade e o amor, frustrando a vontade de sentido (Frankl, 2003). Quanto mais a autorrealização, a felicidade e o prazer se transformam num fim em si mesmo, mais “contradiz o caráter autotranscendente da existência humana” (Frankl, 2011, p. 50). A autorrealização, só é possível como efeito da atitude autotranscendente.

O terceiro aspecto diz respeito à forma como o homem Pós-moderno vivencia a dor e o sofrimento. O sofrimento representa um fenômeno humano que dificilmente estará ausente,

muito pelo contrário: o sofrimento é inerente à existência humana, ou seja, é impossível uma vida sem a presença do “sofrer”. Ademais, é importante compreender que, diante do mundo ao qual vivemos, frente a sociedade constituída e realidade de cobranças, trabalho, saúde, relações interpessoais, é impensável considerar que não se viverá uma vida sem sofrimento. Portanto, quando se promove tais reflexões sobre o sofrimento enquanto inevitável, se torna possível tecer compreensões sobre *como* o homem Pós-moderno tem enfrentado e percebido tal característica do sofrimento. Como supracitado, de acordo com Han (2021b), a sociedade Pós-moderna vive uma angústia generalizada diante da possibilidade da dor, há um anseio pelo “anestesiarse” diante da dor e de sentimentos aversivos, tendo como foco primordial a felicidade, o bem-estar, o prazer, tudo que pode colaborar com o seu desempenho. Entretanto, quando nos aprofundamos nos conhecimentos de Frankl, é possível compreendermos de maneira mais sensível sobre o que é o sofrer.

Para Frankl, como discutido anteriormente, o sofrimento representa este fenômeno intrínseco à realidade humana, cabendo ao indivíduo enfrentar em atitude da melhor forma que lhe cabe. “Dizer sim a vida, apesar de tudo” (Frankl, 1991, p. 83), é como Frankl coloca sobre a capacidade humana em enfrentar, em compreender os condicionamentos, as situações mobilizadoras de sofrimentos inevitáveis e, acima de tudo isso, a atitude que o cabe para dar a melhor resposta (e única) diante daquilo que ele sofre. A transformação do sofrimento humano em conquista foge da noção reduzida do “blindarse” frente à dor, pelo contrário: tal transformação convoca o homem a questionar-se, a ser convocado para responder, de forma livre e responsável a situação única e irrepetível que o confere.

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação (...) somos desafiados a mudar a nós próprios (Frankl, 2008, pp.136-137).

Para Frankl, a vida humana não consiste em conseguir prazer e evitar a dor, mas em descobrir um sentido na vida. “O ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que seu sofrimento tenha um sentido” (Frankl, 2008, p. 137).

O quarto aspecto do período Pós-moderno abordado aqui se refere à perda dos rituais, narrativas, tradições e das instâncias superiores que forneciam símbolos para o ser humano se orientar. Neste ponto nos referimos também a valorização dos estados subjetivos, dos afetos,

dos sentimentos e emoções em detrimento de formas objetivas, coletivas e impessoais, como aparecem nos rituais.

Um retrato dessa vivência do homem Pós-Moderno pode ser encontrado no breve conto “Os sobreviventes”, de Caio Fernando Abreu (2019), e nas reflexões de Victor Sales Pinheiro sobre este conto, presentes em seu livro “A crise da Cultura e a Ordem do Amor”. O conto é um relato do ser humano que vive mergulhado na crise de sentido, na falta de orientação, no subjetivismo e no relativismo. É uma narrativa de um Eu-lírico feminino que não faz pontos, pausas ou respiros, e que de forma ininterrupta despeja suas frustrações e decepções a um amigo-amante diante de uma separação.

Já li tudo, cara, já tentei macrobiótica psicanálise drogas acupuntura suicídio ioga dança natação cooper astrologia patins marxismo candomblé boate gay ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora faço o quê? não é plágio do Pessoa não, mas em cada canto do meu quarto tenho uma imagem de Buda, uma de mãe Oxum, outra de Jesusinho, um pôster de Freud, às vezes acendo vela, faço reza, queimo incenso, tomo banho de arruda, jogo sal grosso nos cantos, não te peço solução nenhuma, (...) ora não me venhas com autoconhecimentos-redentores, já sei tudo de mim, tomei mais de cinquenta ácidos, fiz seis anos de análise, já pirei de clínica, lembra? (...) te desejo uma fé enorme, em qualquer coisa, não importa o quê.

Como dito anteriormente, sem instinto que diz ao homem o que fazer e sem as tradições que o direcionam para o que deveria fazer, o homem Pós-moderno mal sabe o que deseja fazer (Frankl, 2011). Esse é o retrato do Eu-lírico, alguém sem perspectiva na vida e imerso no vazio, pois tudo é esvaziado de sentido numa concorrência avassaladora que o pluralismo Pós-moderno apresenta.

No conto, o Eu-lírico tenta encontrar valores em diversas vivências, no corpo, em terapias, drogadição, filosofias e ideologias diversas, religiões variadas e até contraditórias entre si, política, ecologia... e cada uma dessas vivências poderia ser oportunidade de encontrar valores. Todavia, o que se percebe é uma indiferença profunda perante todas elas, pois as abandona com a mesma facilidade que as assume. Ela nega a possibilidade do conhecimento de si, como caminho para descoberta, realização de valores e realização de si, e tenta inclusive o suicídio, como negação mais absoluta da vida. É uma profunda crise de sentido que nasce de uma defesa da liberdade. Ela gostaria de ser livre, mas está encarcerada em si mesma, não consegue sair, e acaba presa na própria subjetividade vazia. Trata-se de uma profunda desorientação diante da vida e um esvaziamento da existência humana.

Tais vivências nos remetem ao “Homem *light*”, descrito por Rojas (2000),

um sujeito que leva por bandeira uma tetralogia niilista: hedonismo-consumismo-permissividade-relatividade. Todos eles embrenhados pelo materialismo. Um indivíduo

assim se parece muito a determinados produtos *light* de nossos dias: comidas sem calorias e sem gordura, cerveja sem álcool, açúcar sem glicose, tabaco sem nicotina, Coca-Cola sem cafeína e sem açúcar, manteiga sem gordura... e um homem sem substância, sem conteúdo, entregue ao dinheiro, ao poder, ao êxito e ao gozo ilimitado e sem restrições (p.11 – tradução livre).

Tal homem carece de referenciais, estabilidade e orientação frente às grandes questões da existência. “Quando se perde a bússola, o imediato é navegar à deriva, sem saber a que ater-se em temas chave da vida, o que conduz a canonização e aceitação de tudo” (ROJAS, 2000, p.18 – tradução livre). Isso produz a completa permissividade, tolerância absoluta e o relativismo como novo código de conduta ética. Esse relativismo consiste em não existir mais a verdade, mas a minha verdade: subjetiva, particular e enviesada, para escolher o que quero e rechaçar o que não quero. “Uma verdade a *la carte*, sem compromisso existencial (...) sem implicações pessoais” (ROJAS, 2000, p. 28 – tradução livre). Tudo é negociável.

Daí surge um cinismo prático, como frieza diante das aspirações humanas. “Indiferença relaxada, uma mescla de insensibilidade fria, cética, desapaixonada e cruel, que antes ou depois, aterrissará no vazio” (Rojas, 2000, p. 46). O homem *light* é vazio.

E o que fazer diante desta realidade? Como ajudar essas pessoas que estão imersas no vazio e na falta de sentido para suas vidas? Para Frankl, mesmo diante do desaparecimento dos valores com a perda da importância das tradições e das narrativas que conferiam significado para a experiência humana ainda é possível descobrir significados.

A realidade sempre se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, uma vez que cada situação de vida é irrepetível, segue-se que o sentido de uma dada situação é único. Não haveria, então, possibilidade alguma de os sentidos serem transmitidos pela tradição. Somente os valores – que poderiam ser definidos como significados universais – podem sofrer a influência do declínio das tradições. Pode-se dizer que os instintos são transmitidos através dos genes e os valores através das tradições, mas quanto aos significados, do momento em que são únicos, eles são objeto de descoberta pessoal. Eles devem ser procurados e encontrados por conta própria de cada um. Tal descoberta de significados únicos, assim como agora os entendemos, será possível mesmo que todos os valores universais desaparecessem completamente (Frankl, 2008, pp. 31-32).

## 6 Considerações Finais

Tendo em vista a elaboração do presente artigo e frente a aprofundada compreensão e correlação entre as contribuições de Han e Viktor Frankl, é possível compreender as dificuldades da realidade pós-moderna como presentes e, muitas vezes, inevitáveis. Não cabe aqui apagar o sofrimento diante das situações difíceis, mas ao contrário, cabe o entendimento

deste cenário enquanto real e factível. Ademais, com as contribuições dos estudos de Frankl, coloca-se aqui agora um campo de possibilidade de enfrentamento frente a tais situações com o aporte dos conhecimentos Logoterapêuticos propostos por Frankl. Desta forma, o homem se vê capaz e convocado a enfrentar as cobranças e desafios da atualidade, a partir da realização de valores, descoberta do sentido único perante às situações da vida e autoconsciência do seu dinamismo intrapsíquico.

Por fim, a elaboração deste trabalho pode contribuir acerca da compreensão da psicoterapia associada à Logoterapia como uma importante ferramenta de auxílio, podendo impactar positivamente no processo de ampliação e afinamento da consciência humana, corroborando na compreensão da realidade atual não como algo puramente factível/inevitável e reduzida como mobilizadora de sofrimento, mas como a pessoa, a partir do processo psicoterapêutico, poderá enfrentar, de maneira única e irrepitível situações únicas e irrepitíveis, possibilitadoras de sentido. Assim como dizia Frankl: “Quando a situação for boa, desfrute-a. Quando a situação for ruim, transforme-a. Quando a situação não puder ser transformada, transforme-se” (Frankl, 1991). Cabe à pessoa, a partir da sua abertura de consciência, lograr as ocasiões à sua volta e compreender seu "para quê" - de cada situação-, a permitindo, por meio da captação de valores, dar a melhor resposta para a situação vivida, enquanto ser livre e responsável.

## 7 Referências

- Abreu, C. F. (2019). *Morangos Mofados*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 192 p.
- Campos, C. J. G. (2004). *Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*. Revista brasileira de enfermagem, 57, pp. 611-614.
- Dalrymple, T. (2015). *Podres de mimados: as consequências do sentimentalismo tóxico*. Tradução Pedro Sette-Câmara. 1 ed. São Paulo: É Realizações. 208 p.
- Ercole, F. F., Melo, L. S. D., & Alcanforado, C. L. G. C. (2014) *Revisão integrativa versus revisão sistemática*. Revista Mineira de Enfermagem, 18(1), pp. 9-12.
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia*. (ed. ampl., incluindo o posfácio "A desguruficação da logoterapia"), São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido*. 35. ed. São Paulo: Vozes.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido. Um psicólogo no campo de concentração*. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25 Ed. São Leopoldo : Sinodal ; Petrópolis : Vozes.

- Frankl, V. E. (2019b). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. Tradução Alípio Maia de Castro. 7ª ed. São Paulo : Quadrante. 423 p.
- Frankl, V. E. (2003) *Sede de sentido*. Introdução, tradução e notas de Henrique Elfes. 3ª Ed. São Paulo : Quadrante.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Tradução Victor Hugo Silveira Lapenta. 11ª ed. Aparecida, SP : Ideias e Letras, 2005. 159 p.
- Giddens, A. (1991) *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo : Editora UNESP. 156 p.
- Giddens, A. (2002) *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro : Jorge Zahar. 233 p.
- Giovanetti, J. P. (2017) *Psicoterapia fenomenológico-existencial: Fundamentos filosóficos-antropológicos*. (1a ed.), Rio de Janeiro: Via Verita Editora. 130 p.
- Han, B. C. (2017a). *Agonia do eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a. 93 p.
- Han, B. C. (2021a) *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Tradução Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes. 155 p.
- Han, B. C. (2017b) *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b. 128 p.
- Han, B. C. (2021b) *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Tradução Lucas Machado. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 115 p.
- Liotard, J. F. (2009) *A condição pós-moderna*. Tradução Ricardo Correa Barbosa. 12ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio. 131 p.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2008) *Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem*. Texto & contexto-enfermagem, 17, pp.758-764.
- Pinheiro, V. S. (2021). *Crise da cultura e ordem do amor*. 1 ed. São Paulo : É Realizações Editora. 376 p.
- Rojas, E. (2000) *El hombre light*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina. 189 p.
- Santos. G. M; Oliveira. N. R. (2016). *Trabalho e Sentido para a Vida: Contribuições da logoterapia para encontrar o sentido da vida no exercício da profissão*.